ANO 12.º — Sabado, 12 de Abril de 1919 — Numero 568

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impressão na Tip. *Nacional* R. dos S. Martires—AVEIRO.

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

O acto eleitoral

—(*)—

De unanime e comum acordo entre os representantes dos partidos politicos e o ilustre presidente do ministerio, após larga conferencia realisada ha dias, resultou que o acto eleitoral marcado para 1 do futuro mez de junho, tenha logar no dia 11 de maio proximo.

Essa antecipação, porêm, segundo lêmos, tornando mais apertado e curto o praso para a pretendida consulta, estabelece a impossibilidade de que a ela possa corresponder mais ou menos conscienciosamente o eleitorado, visto que não ha materialmente tempo para ultimar,com regularidade, todos os trabalhos prévios exigidos. Assim, teriam agora de aceitar a lei eleitoral, elaborada por o governo sidonista, com a qual por não concordarem com ela, desse governo se afastaram, os partidos, especialmente a *união republicana*, que fez então sair do gabinete os ministros que nele colaboravam.

Ha quem alvitre, visto que a constituição do parlamento mais se impõe para que pela nossa parte, como país aliado, seja discutido e sancionado o tratado da paz, que por todo este mez deve ser assinado, ha quem alvitre, diziamos, que seja reunido o Congresso que foi dissolvido após a revolução de 5 de dezembro, com o fim exclusivo de se liquidar a questão da paz, dissolvendo-se em seguida e procedendo-se então ao acto eleitoral.

Ha mais quem diga e com autoridade, que a pressa na realisação do acto eleitoral encobre tambem a ideia de que ele se efectue antes da definitiva organisação do novo *Partido Republicano Reformador*, para o qual irá o grosso dos evolucionistas, unionistas e centristas, reunindo-se a este um outro grupo denominado *Partido Conservador*, ao qual estão ligados, segundo vemos, nomes de destaque, como o de Bazilio Teles, Francisco Joaquim Fernandes, Sarmento Osorio, Antonio Miguel de Souza Fernandes, etc.

Seja, porêm, como fôr, pela nossa parte deveremos iniciar a escolha daqueles que merecem a esta cidade a indicação do seu nome para a representar no parlamento.

E um deles é o do ex-governador geral da India, sr. dr. Francisco Manuel Couceiro da Costa!

Deve ser este, entre todos, o primeiro,figurando em todas as listas, votado assim pelos partidos, como uma homenagem, dos republicanos sem distinção de côres politicas, prestada ao lidimo caracter e á pureza de convicções do inclito cidadão.

Demissões

Por se terem envolvido no movimento monarquico, foram mandados afastar do serviço o escrivão de direito em Santo Tirso, snr. Manuel Cação Gaspar, natural de esta cidade, e os snrs. José Maria da Silva Pereira e Alvaro de Souza Sucêna, respectivamente, secretario e aspirante de finanças de Agueda e não de Aveiro, como por engano alguns jornaes noticiaram.

AGRADECEMOS

O orgão do P. R. P. em Aveiro felicita-nos no ultimo numero pela passagem do nosso aniversario.

Agradecemos. E visto que tambem fez anos, retribuimos.

Films...

O celibato

Efectuou-se ha pouco em Napoles uma reunião em que tomaram parte cêrca de 400 eclesiasticos, representantes do clero meridional italiano, e onde os numerosos oradores defenderam uma moção, que foi aprovada por unanimidade, pedindo á Santa Sé a abolição do celibato para os padres e tambem que lhes seja permitido o casamento sempre que esse estado desejem tomar.

Quanto á primeira parte entendemos nós que manter o Papa ou deixar de manter o celibato sacerdotal, isso pouco importará, visto que aos ministros de Deus nunca esqueceu a maxima do Mestre—*crescei e multiplicae-vos*.

Sobre o resto afigura-se-nos que será mais honesto para a Igreja permitir o casamento aos sacerdotes do que vê-los em permanente concubinato, situação que além de deprimente constitue um pessimo exemplo para a familia.

E se é ou não verdade, o bispo de Coimbra que o diga...

Imitações

Vai deixar de trazer sabre á cinta a corporação de policia civica. O seu armamento futuro será de dia o *casse-tête*, como usam os policias estrangeiros, e, de noite, o *casse-tête* e a pistola, para maior segurança... individual.

Só falta saber se na pratica dará resultado...

Em liquidação

Os socios da Associação Catolica do Porto reuniram um dia destes em assembleia geral, tendo resolvido, entre outras coisas, que bem revelam o seu estado de fraquêsa, a venda do edificio social.

Quem o havia de dizer aqui ha seis mezes atraz...

Novo partido

A imprensa diaria tem-se referido ultimamente á organisação de um novo partido republicano conservador prestes a surgir no tablado da politica, partido inteiramente novo, que nada tem que vêr com situações politicas anteriores e que, propondo-se servir a Patria, defendendo intransigentemente a Republica por processos diversos dos que teem sido adoptados, pondo de parte a rebelião, assenta a sua orientação apenas em principios de ordem e trabalho.

Oh! diabo. Mas esse é o lêma dos democraticos, adoptado pelos evolucionistas e defendido pelos camachistas. Sendo assim, não será ordem e trabalho de mais para um país que consome a sua actividade em revoluções, distribuindo o montante da sua pequena riquêsa pelos parasitas sugadores do Estado?

Graças

Consta que o governo vai agraciar com as diferentes ordens de S. Tiago os jornalistas que mais se distinguiram na campanha a favor da intervenção de Portugal na guerra e na defêsa das instituições.

Por este lado póde-se desde já considerar comendador o *Bichêsa*.

Tão a peito tomou a defêsa do regimen... depois de tres dias de incubação a vêr em que paravam as modas...

Mais outro

Anunciam os jornaes encontrar-se em gestação outro grande partido baptisado com o nome de *Partido Republicano Reformador*, que terá por fim estabelecer o equilibrio politico indispensavel á vida da nação, impondo-se pela moderação e correcção dos seus propositos e processos de governo. Conta com a adesão de muitos evolucionistas, bastantes unionistas, alguns centristas e dos independentes... que nele se quizerem filiar.

Não ponham mais na carta. Vai ser um partidão e está dito tudo...

E nós que os aturemos.

A VIDA

O prêço das subsistencias atinge extraordinarias proporções

—(*)—

Onde está a autoridade?

O que se está passando com a elevação, que nada justifica, dos preços dos géneros de primeira necessidade, é extraordinario e espantoso.

E mais espantoso e extraordinario é que da parte da autoridade, o mais pequeno esforço se empregue para se pôr côbro ao roubo, á extorsão revoltante que se exerce livre e descaradamente por parte de quantos não se cançaram ainda de sugar á desgraçada população o ultimo ceitil em troca do que lhe não chega para matar a fóme.

E' espantoso, repetimos, é inaudito que se abandone, da maneira mais deshumana e criminosa, o consumidor indefeso nas mãos de esses salteadores—não teem outra designação—que, com o maior cinismo, exploram—exploram, não—assaltam o bolso dos infelizes que, tendo de comer, tem forçosamente de a entregar nas mãos infames dos que só pensam em satisfazer a sua ganancia, a sua insaciavilidade, e que a exploração de cinco anos não chegou ainda a atenuar!

Quando da aplicação dos preços estabelecidos nas tabelas, logo gritavam os exploradores que todo o mal vinha do sistema adotado, porque o comercio se queria livre e da concorrencia provinha o barateamento das subsistencias.

Desapareceram as tabelas e eis que tudo sôbe de preço da maneira mais exorbitante e revoltante.

O que se está fazendo em Aveiro com o pezo e preço do pão—cujo custo é o mais elevado em todo o continente—chega a causar calafrios.

Está para aí um fiscal de subsistencias, um homem que se dizia vir meter tudo nos eixos, mas que nos conste, o que ele faz é receber nos fins dos mezes 100 escudos e o mais...

E' por isso que agora os candidatos a esses logares e aos de sindicantes, são aos centos!

Abençoado país, abençoada politica e não menos abençoada administração!

E, enquanto passam os mezes e os *fiscaes* fiscalisam o ordenado, a vêr se está certo, o povo, o eterno ludibriado, a eterna besta de carga, continua sem a mais leve protecção nem defêsa!

O pão constantemente a diminuir; o peixe só vendo é que se acredita; a carne já está a 1$20 o quilo; o figado a 90 centávos e até a forçura a 60 da mais ordinaria; a batata a 30, o feijão, a hortaliça, que horror, que horror!

E a autoridade, nada. Certamente está á espera que o povo seja levado ao cometimento de actos de desespero para então intervir, mandando-o fuzilar.

Não é outra coisa. E contudo a miseria alastra, as dificuldades da vida são cada vez maiores. 30, 40, 50 centávos já não chegam para se conseguir uma só refeição para 4 ou 5 pessoas de familia. Hoje só a verba que nos arrancam para o fornecimento de pão chegava anteriormente para a despeza geral e diaria da casa.

Mas alguem olha para isso, importa-se com isso?

Ha quem compre o petroleo a 28 cent., á companhia, vendendo-o ao publico a 36, a 40 e a mais!

Mas alguem quer saber disso?

E como estas outras proezas de igual jaez, inadmissiveis, intoleraveis, dignas da mais solene condenação.

Nós já nos lembrámos promover uma reunião da qual resultasse irem os habitantes da cidade junto da autoridade superior do distrito pedir providencias contra as extorções cometidas. Receâmos, porêm, que não valha a pena, tal o desleixo a que tudo chegou.

Todavia, a miseria é enorme, alastra, chegando o esforço, a luta a que os mais deserdados da fortuna se entregam, na ansia de se defenderem da fome, a ir recolher o sangue das rezes abatidas no matadouro, para seu consumo!

E esse sangue cosido é, muitas e muitas vezes e em muitos dias, a alimentação duma familia inteira!

E' preciso atender a isto, intercedendo pela miseria e pelos miseraveis!

Depois não se queixem contra os *soviets*, os *bolquivistas* e os respectivos resultados...

Emigrados

—(*)—

Segundo telegrama do Rio de Janeiro, chegaram ultimamente áquela cidade, capital do Brazil, muitos soldados da revolução monarquica que desembarcaram num estado de ultima miseria. Queixam-se que nenhum auxilio lhes foi dado pelos dirigentes da revolta que, uma vez fracassado o movimento, os abandonaram desapiedadamente.

Tal qual como sucede aqui aos soldados que estão regressando de França e da Africa, onde estiveram em defêsa da Patria.

Muitas festas, muitos artigos laudatorios da sua bravura, nos jornaes, mas a respeito da protecção que lhes é devida, sobre tudo aos doentes, o governo não tem tempo de pensar nessas coisas secundarias...

Uma vergonha!

Para lhe não chamarmos o maior dos crimes.

AO PAÍS

—(*)—

O novo ministerio fez, no principio da semana, distribuir profusamente um manifesto do teor seguinte:

O governo assumiu o poder numa hora cuja gravidade se impõe a todos os espiritos.

A situação creada pelo acto revolucionario de 5 de dezembro liquidou na insurreição monarquica, e ao governo incumbe, não apenas a punição dos delinquentes, mas a resolução dos problemas sociaes e economicos que assoberbam os governantes de todo o mundo e uma obra de politica interna que, visando essencialmente a defêsa da Republica nem por isso deve deixar de ser inspirada num sentimento de tolerancia e até de bondade, que é o principal apanagio do caracter portuguêz.

E' uma tarefa imensa.

Para levar a cabo essa tarefa, que lhe marcou a opinião republicana, o governo tem apenas deante de si alguns dias, e como a precipitação do seu procedimento poderia acarretar á nação males irreparaveis, o governo tem de cercar todos os seus actos de cautelas e cuidados que obrigam a profundo estudo dos assuntos e das circunstancias.

Os homens que constituem o governo não aceitaram os cargos para satisfação de vaidades mesquinhas e muito menos para retaliações odiosas. Eles sabem muito bem que a conjuntura não é propicia ao goso comedido do Poder. Só o infinito amor que teem á sua Patria e a solida convicção que inteiramente os possue, de que os destinos do país estão confundidos com a marcha da Republica; só a inabalavel fé que teem nas virtudes da Democracia e a intima solidariedade que os une ao Povo—podiam leva-los a este sacrificio voluntario.

Esperam, por isso, que todas as energias republicanas se conjuguem á volta do governo para a necessaria obra de pacificação da Republica, e todos os portuguezes amparem o governo com os seus braços e os seus conselhos para a altissima obra de avigoramento nacional. Esperam, por isso, que todas as forças organisadas da Republica se mantenham de fórma que todos os republicanos, fóra ou dentro dos partidos, secundem a acção do governo, olhos postos, com os dos homens que o formam, nos altos designios da Patria e da Republica.

A uma melindrosa situação interna, sobrepõem-se as responsabilidades que pesam sobre o governo por ser esta a hora solene em que se vai celebrar a Paz. E' absolutamente indispensavel que, nesta hora ao menos, todos os portuguezes saibam calar as suas ambições, confiem na acção da Justiça e depuração que compete ao governo e deem ao mundo a certeza de que é perfeita a unidade nacional e de que este grande pequeno Povo tem direito ao seu lugar entre os povos civilisados.

Conscio dessas responsabilidades, o governo vai antecipar o acto eleitoral, para que, se houver necessidades de retificar em breve tempo os preliminares da Paz, o Estado tenha a funcionar todos os seus orgãos, e o Parlamento, representando insofismavelmente a vontade da Nação, possa, ratificando a Paz, prestar a merecida homenagem ao nosso heroico exercito de terra e mar, que na França e na Africa conquistou para a Patria, todos os titulos brilhantes da historia nacional, novos e imorredouros trofeus de gloria.

Entretanto, o governo fará um rapido saneamento da Republica, embora não saíndo jámais da justa medida de defêsa, scarretando conjuntamente com o odioso que por ventura essa missão importe; e, cuidando zelosamente da administração publica, procurará efectivar as medidas necessarias para o aproveitamento das riquezas naturaes e o desenvolvimento da produção, para o barateamento das subsistencias, para a protecção aos operarios e para a assistencia ás classes mais desfavorecidas.

Ao governo chegam, na propria hora em que tomou conta do Poder, rumores de que conspiradores profissionaes e impenitentes tramam na sombra perturbações da ordem publica. O governo em caso algum cometerá excessos, porque sabe o que deve á dignidade da Republica, á dignidade do Poder e á dignidade pessoal de cada um dos seus membros.

Mas se qualquer motim ou tentativa de rebelião se produzir, o governo, com o apoio de todos os bons e leaes portuguêses, porá a mais implacavel represão empregando todos os meios legitimos.

O governo lança, pois, a todos os

9 de abril

—==(*)==—

Passou na quarta-feira o primeiro aniversario do revéz sofrido pelas tropas portuguêsas em França e que houve ideia de comemorar como se fôsse um grande feito, um glorioso feito.

Que grandes ratões nos saíram certos patriotas!

O 9 de abril nunca pode ser uma data gloriosa, uma data que se comemore com ruido, que se festeje com estrondo, como tantas do calendario, porque representa uma derrota e uma derrota das mais estrondosas que tem sofrido o exercito lusitano nos ultimos tempos. Esta é que é a verdade, isto é que se deve dizer. Para todos os efeitos foi uma derrota, encarem-na, muito embora, de que maneira quizerem. E uma derrota, mesmo que seja honrosa, mesmo que nobilite, como sucede com a de *La Lys*, onde milhares de filhos obscuros da nossa Patria perderam a vida esmagados ao peso dum exercito consideravelmente superior, não se deve comemorar com musica, foguêtes e iluminações.

Não, mil vezes não!

Lembremo-nos que o luto entrou em muitos lares, que muitas familias ficaram sem os seus entes queridos, que ha corações que, para sempre, se cobriram de crépes.

Haja respeito!

Basta de afrontas ao sentimento nacional!

Exige-o o decôro e o bom senso. Impõe-o a nossa alma que se comprime ante a recordação do que teriam sido essas horas de luta titanica, esses momentos dolorosos e épicos ao mesmo tempo!

Mas querem festejar a participação de Portugal na grande guerra? Escolham outro dia. O 9 de abril hãode concordar que deve ser mais um dia de luto que um dia de gala. Luto que se espalha por toda a parte, que percorre todos os recantos, que vai até á mais humilde choupana, porque é o luto duma Patria inteira.

Respeitemo-lo, pois. Para que se não diga que sômos um país tão original que até já nem distinguimos as datas pelas quaes se deve observar o mais rigoroso sentimento.

LOUVOR

O *Diario do Governo* do dia 5 publicou uma portaria, louvando o nosso conterraneo snr. Antonio Henriques Maximo Junior pelos serviços prestados como administrador do concelho e comissario de policia, cargo que tem desempenhado desinteressadamente e com inteligencia.

O *Democrata* associa-se.

Serviço farmaceutico

Encontra-se no domingo aberta a *Farmacia Luz*.

PELA IMPRENSA

—==—

"A Batalha,,

Recebemos a visita deste novo diario que ha pouco encetou a sua publicação em Lisboa e é propriedade da União Operaria Nacional.

Com as nossas saudações, sinceros votos pelas suas prosperidades.

"A Vitória,,

Deve saír ámanhã em Lisboa o primeiro numero dum novo diario republicano independente intitulado *A Vitória*, que terá por director o sr. Hermano Neves e redactor principal o sr. Herculano Nunes, sobejamente apreciados como jornalistas.

Antecipâmos as nossas saudações ao novo colega, que se apresentará com aspecto moderno de molde a conquistar a simpatia publica.

Saude publica

E' alarmante o estado sanitario da cidade. Devidamente diagnosticados estão no hospital doentes com o tifo exantematico e bronco-pneumonia, tendo falecido desta doença um dos soldados de cavalaria ali internados ultimamente. E' avultado o numero de praças desta arma, que teem adoecido, atacadas de *grippe* como natural consequencia da falta de agasalhos e confortos indispensaveis.

Despidos dos seus fatos e agasalhos de paisana, apenas lhe fornecem o jaquetão de brim, sem capote, sem cobertas na cama, que é uma pouca de palha, onde a praça se estende, cobrindo-se com duas mantas leves e esburacadas sem lençoes, sem nada, passando assim estas noites frigidissimas nas casernas e de dia em exercicios na parada, batida por todos os lados por frio e por vento.

Uma verdadeira miseria e um abandono digno de maior reparo.

A variola grassa intensamente pela cidade e indispensavel se torna que sejam pela respectiva autoridade, ordenadas as buscas afim de serem descobertos os casos que propositada e estupidamente se sequestram, de fórma a evitar o internamento do atacado no hospital. Na beira-mar os casos são ás dezenas.

Reclama-se energia e actividade, de fórma a combater-se o terrivel mal que assustadoramente se espalha por toda a parte, com casos fataes registados até em adultos, e que a inconstancia do tempo tanto está a auxiliar.

Feira de Março

Está finda por este ano e em abono da verdade devemos dizer que, tendo principiado fraca, não acabou mal.

Fizeram-se muitas e importantes transações, retirando, contentes, os feirantes.

LEMBRANDO

—==(*)==—

Agora que as condecorações andam na balha e são mais faceis de obter que um bocado de borôa ou um naco de toucinho; agora que o orgão do P. R. P. em Aveiro entende tambem que é preciso condecorar o *Bichêsa* pelas suas *convicções*, pelas suas *campanhas brilhantes* e não sabemos se, inclusivé, pelo seu enorme cagaço, lembrâmos nós, já que ninguem ainda o citou como *martir da ideia*, nesta hora em que todos os martires deram em reunir-se em sucessivas paparocas para melhor afrontarem a crise das subsistencias, o Mariano.

Então o Mariano? Em que plano fica o Mariano se não abicha grau, ele que foi redactor, que foi membro e que apanhou uma data de *traulitada* em Lisboa que o ia deixando desasado para toda a vida?

Oh! ingratos! Oh! gente, que tão depressa esqueceste o amigo e correligionario fixe!

Mas não o esquecemos nós. O Mariano tem direitos adquiridos. Mais do que nenhum outro republicano, desses de tres ao vintem ou cinco por um pataco, o Mariano hade, por isso, gramar condecoração. Essa lhe prometemos. Sômos por ele, estâmos ao lado dele e o Santissimo de Esgueira, esse, então, nem se fala.

Ou não lhe tivesse escovado o cofre bem escovado...

Por absoluta carencia de espaço somos obrigados hoje a retirar bastante materia já composta, inclusivé o artigo do nosso brilhante colaborador Humberto Beça, intitulado *O reino do Porto*, **do que lhe pedimos desculpa.**

«Rimas»

Assim intitulado, recebemos ha dias um volume de versos, por sinal cheios de encanto e inspiração, que nos intrigou a valer, pela dedicatoria de que vem acompanhado.

Emilio Ernesto é o nome do seu autor. Porém, nós chamâmos-lhe antes Fernando Antonio Carneiro e é para este nosso antigo colaborador dos saudosos tempos da propaganda republicana, para este convicto democrata, para este ardoroso companheiro das lutas pelo mesmo ideal, que vão os nossos agradecimentos pela lembrança da oferta. Sim. Porque *Emilio Ernesto* não passa dum pseudonimo com que Fernando Carneiro, modestamente, encobre o seu nome, ele que nos dá exuberantes provas da sua cultura intelectual, dos seus conhecimentos literarios, da sua fecunda inspiração, enfim.

Ao autor das *Rimas*, pois, pertencente a um grupo de novos que, com entusiasmo, com fé, com confiança se dedicavam, em Lisboa, nas horas agitadas que precederam a queda do regimen dos *adiantamentos*, aos trabalhos preliminares do 5 de Outubro, tendo no *Democrata* um auxiliar e acerrimo defensor do sublime ideal, a expressão do nosso reconhecimento junto a um abraço de parabens com que desejâmos significar, desta vez ao poeta, a nossa admiração depois de lhe termos arrancado a... mascara.

NECROLOGIA

—==—

Faleceu na sua casa de Alquerubim, após longo e doloroso sofrimento, o sr. Manuel Maria Amador, viuvo, de 73 anos, chefe de conservação das Obras Publicas, sogro do sr. David Pinho, importante negociante estabelecido no Porto.

Obsequiador em demasia, lhano e afavel, a sua desaparição é muito sentida, por quantos de perto o conheciam e lhe deviam atenção.

Funcionario zeloso e activo, póde dizer-se que só depois de impossibilitado de todo deixou o exercicio das suas funções.

O seu funeral foi muito concorrido, nele tomando parte numerosas pessoas que de Aveiro, Porto e outros pontos acorreram a prestar a ultima homenagem ao cidadão.

A toda a sua familia, a expressão do nosso intimo pezar, tanto mais que Manuel Maria Amador foi sempre um amigo, ás direitas, de *O Democrata*.

campos do país o pregão da ordem e da paz, esperando que todos os portuguêses confiem na sua acção republicana e na sua obra nacional.

Quando o governo depuzer na proxima sessão do parlamento o seu mandato, julgar-se-á satisfeito se do seu sacrificio algum bem houver resultado para a Patria e para a Republica.

Sempre a mesma cantata: muita dedicação, muito desinteresse, muito patriotismo, mas quanto ao resto, ao essencial, ás obras que se pretendem em vez de palavriado ôco, tres vezes nove vinte e sete noves fóra nada.

Não ha no manifesto, como se vê, uma afirmação concreta, um ponto por onde transpareça que realmente estâmos em vesperas de melhores dias do que aqueles que a politica tem trazido á nação nos ultimos oito anos.

Falho de originalidade, é um documento a mais para juntar a tantos outros papeis inuteis que nos falam em *ordem* e *trabalho*, *paz* e *concordia*, como está na indole de todos os governantes, sendo, porêm, os primeiros a desviarem-se desse caminho. E em taes casos escusado será dizer que se o arquivâmos é tão sômente para quando fôr preciso dar balanço á futrica, termos as provas comprovativas das nossas asserções.

Notas mundanas

Adoeceu em Ilhavo o facultativo municipal, nosso amigo e velho republicano, dr. Samuel Maia, que tenciona ir, logo que as forças lho permitam, passar uma temporada no Estoril.

=== *Chegou de França o capitão-medico, dr. José Maria Soares, a quem cumprimentâmos.*

=== *Fez ante-ontem anos o snr. Antonio Souto Ratola, proprietario da conhecida* Casa da Costeira.

O tempo

Como tudo anda mudado!

Sem falar nos politicos, que são a coisa mais inconstante que temos visto; sem falar nas mulheres, que, como espirito de contradição, não ha quem as eguale; sem falar nos credores, verdadeiro flagelo dos depenados, dos sem *chêta*, dos que não teem vintem, o tempo é o que mais apreensões hoje está causando, impedindo os trabalhos do campo e apresentando-se de tão má catadura que nem o sr. Brito Camacho em dias... de Parlamento.

A patifa da Primavera sempre nos pregou uma, este ano!...

Teatro Aveirense

Com larga concorrencia de espectadores, realisaram-se os tres anunciados espectaculos pela Companhia Ruas, do Porto, que agradaram na generalidade.

Etelvina Serra é uma actriz de merecimento, mas está muito áquem do réclame, como provou na primeira noite durante a recitação do *a proposito*, em que é invocado o nome e a grandêsa de Portugal. Com verdade, não se póde dizer que tivesse brilhado. Afecta-se muito, e isso prejudica-a, tirando-lhe bastante do seu valor como estrela da companhia.

Quanto a nós, um poucochinho mais de naturalidade e a Etelvina terá, então, *quelque chose* de apreciavel.